

Veridiana Maenaka

Onde o
Amor se esconde

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2015



VERUS
EDITORA

Parte 1



A Dor



1



A pele me atormenta.

Tenho asco da minha pele, como se eu estivesse presa no casulo de um inseto repulsivo.

Vencida, parece que desmorono um pouco mais a cada passo. Então já não ando, se puder evitar. Permaneço na cama, deitada, entregue à apatia. Ficou para trás a fase de caminhar frenética pelo quarto, esmurrar a porta, chutar a parede, esbravejar até ficar rouca.

Uma vez ao dia, antes do pôr do sol, ele me traz comida. É quando ainda me sinto viva, porque um frêmito de pavor sempre me acomete ao vê-lo. Não sei se ele vai apenas me torturar ou se ficará entediado e acabará com tudo. Isso não pode durar muito mais.

No início, apesar do medo, a chegada dele com o prato de comida me dava uma alegria animal, orgânica, nascida no estômago. Eu sentia muita fome, e a fome trazia o frio, apesar de ser verão. A única refeição diária não era suficiente, e cheguei a cogitar comer papel ou pano. Optei pela pele ao redor das unhas, deixando tudo em carne viva. Mas, um dia, a fome passou. Passei a só ficar na cama, concentrando-me em respirar com as forças que me restavam.

A sede demorou mais a passar. Bebia a própria saliva, e minha garganta ficou tão seca que já não podia falar. Um dia o desespero foi tanto que peguei o urinol, especulando se aguentaria beber urina. Desisti, porque estava misturada com fezes.

Ele costuma recolher o urinol na mesma viagem em que me traz a comida, trocando-o por um limpo. Mesmo assim, o cheiro de excremento permanece no quarto. A janela acanhada dá para o jardim, sem visão da rua ou dos vizinhos. Ele reduziu a abertura pregando duas tábuas que deixam uma fresta pequena, pela qual entra um pouco de luz natural. Por ela, vejo as árvores frondosas que bloqueiam a visão dos demais palacetes. Minha única chance de fugir seria sair correndo pela porta no momento em que ele a abrisse; contudo, além de passar por ele, eu teria de descer uma escadaria, correr pelo amplo saguão do andar de baixo, sair pela porta, vencer o caminho da alameda que vai dar na rua e... bem, gritar. Porque eu não poderia ir muito longe de camisola, descalça, sem dinheiro, sem forças.

Mas eu tentarei. A alternativa é morrer aqui, então tentarei.

Quando o sol está perto do horizonte, ouço a chave girar e vejo a porta se abrir. Ele está parado, com um prato de comida numa das mãos. Ainda usa os trajes com que foi trabalhar, mas sem colete e terno, somente mangas de camisa e calça cinza. Tem o cabelo escuro repartido de lado, e uma mecha rebelde lhe cai sobre a testa. A barba já não tem o aspecto bem cuidado de antes, parecendo ter sido abandonada à própria sorte.

Sei que ele vai pousar o prato na cômoda junto à porta, acender a lamparina, fechar a porta e passar a chave. Preciso sair correndo quando ele estiver acendendo a lamparina, o precioso instante em que a porta fica desguarnecida.

A excitação me dá energia, e no momento certo me jogo com determinação. Chego a passar pela porta, mas um puxão violento no meu cabelo me obriga a voltar e a encarar meu captor. Sua expressão é de surpresa e raiva. Nosso contato visual dura somente um segundo, pois um soco no olho me faz cair.

Ainda no chão, recebo um soco no outro olho, para garantir. Finalmente ele fecha a porta atrás de si. Ali deitada, olhando-o de baixo para cima, entendo o significado do termo *impotência*.

Vai começar. Rapidamente vem um chute nas costelas me atingindo do lado esquerdo, e a dor é tão grande que tenho certeza de que se esti-

lhaçaram. Protejo a cabeça com os braços e fico de bruços, enquanto o ataque continua, o bico duro de seu sapato golpeando livremente meu corpo. A cada chute eu urro, encolhida. Enquanto ele toma fôlego, tento me arrastar alguns centímetros para longe, fincando as unhas no pequeno espaço entre uma lâmina e outra do piso de madeira. Um chute me acerta na lateral do seio, e mordo o lábio inferior com toda força, engolindo meu próprio sangue. Estou sufocando, sem ar, e ao mesmo tempo engasgada com sangue e saliva. Coxas, nádegas, costas, quase nada restou intacto. Sou toda dor.

O ataque cessa, e eu experimento algo parecido com alívio. Mas é um alívio medroso, cômico de que a próxima etapa pode ser pior.

Ele me ergue pelos cabelos e me joga na cama. Sem se importar com meu cheiro, desce as calças e levanta minha camisola, enterrando-se em mim com três arremetidas, rasgando-me a cada estocada. Quase posso ouvir minha carne se rompendo.

— Não se mexa, estúpida, não vê que dói mais? — ele ralha, usando as mãos para manter minhas coxas abertas e imóveis.

A cópula é especialmente difícil, então ele retira o pênis, ajoelha-se sobre mim e o enfia na minha boca, socando-o ritmadamente, tão fundo que sinto seu membro duro empurrar minha garganta. Não consigo respirar, e uma ânsia violenta me domina. Vomito um jato fraco de bile, que escorre por meu queixo, pescoço e peito.

— Cadela porca! — vocifera ele. Dá-me um tapa violento, ainda assim melhor que um murro, e me sinto pateticamente agradecida.

Ele sobe as calças e se retira por alguns minutos, retornando com um pano úmido, rústico, usado para limpeza da casa, e uma camisola limpa.

— Limpe-se e troque esse trapo nojento — ordena, entregando-me o pano e jogando a peça de roupa na cama, ao meu lado.

— O pano úmido — murmuro, e minha voz sai rouca e baixa, quase inaudível —, se você pudesse trazer todos os dias... para eu me limpar um pouco... por favor.

— A dama da sociedade não aguenta um tantinho de sujeira? — ele zomba. — Vendo-a assim, ninguém reconheceria a bela Maria da Glória

Cerqueira Galvão. — Ele toma o pano da minha mão e começa a limpar bruscamente o vômito que me cobre. — É só uma vagabunda suja — continua, a voz excitada. — Gosto dessa versão sua. Só não posso com o vômito.

Quando se dá por satisfeito, joga o pano sujo no chão e torna a abrir as calças. Novamente está em minha boca, movendo-se com vigor, indiferente aos meus espasmos: a ânsia continua e minha garganta tenta expelir algo, porém o estômago está vazio. Ele goza rápido, e o gosto do sêmen mistura-se ao azedume que o vômito deixou. Finalmente deixa-me ali prostrada, todas as partes do corpo doendo em uníssono.

Tento me lembrar de como vim parar ali.

Ah, sim. Eu me casei.

Esse homem é meu marido.



Meus olhos mal abrem, inchados por causa dos socos, contudo eles não me fazem muita falta no cativeiro. Meu corpo dói como se os ossos estivessem esmigalhados. Ao levantar minha camisola, vejo, com dificuldade, os muitos hematomas, e é difícil dizer onde termina um e começa o outro. Respiro bem fundo de quando em quando, para me certificar de que nenhuma costela quebrou e vai perfurar algum órgão. O movimento dói, mas não de modo insuportável. Aparentemente, estou inteira.

No terceiro ou quarto dia após a surra, consigo enxergar melhor. Nada mudou. O quarto praticamente não tem mobília ou ornamentos. Além do leito, há uma mesinha de cabeceira com gavetas, a cômoda junto à porta e um armário com alguma roupa de cama.

Também há um espelho de corpo inteiro na parede, mas eu parei de me olhar quando deixei de me reconhecer no reflexo. Ainda é minha fisionomia, mas de algum modo pareço outra pessoa. Os grandes olhos castanho-claros, de cílios longos, dominam o rosto emaciado; o nariz, antes delicado, levemente arrebicado, parece proeminente demais, ossudo; a boca, que era cheia, agora tem os lábios murchos e rachados. O cabelo louro-mel, anteriormente sedoso e perfumado, agora é uma

massa desgrenhada e oleosa. Estou magra como nunca na vida, encurvada, com uma expressão de medo e loucura no semblante.

Ainda não perdi o juízo de todo. Eu me chamava Glória. Agora não me chamo nada, exceto cadela, puta, vadia. Sou um corpo quebrado, preso no limbo da meia-vida. Ora morta para todas as sensações, ora desagradavelmente viva, sensível, mas ansiando pela morte. A esperança evadiu-se. Sei que são diminutas minhas chances de sair daqui com vida. Depois de tudo, parece-me impossível que voltemos ao que éramos. É ladeira abaixo, e lá no fim espera-me um caixão aberto.

Mas havia começado bem, três anos atrás. Erasmo Galvão não era o homem que eu escolheria, porém era aceitável, e me forcei a sentir entusiasmo. Meu pai fazia gosto em unir-me a um grande cafeicultor, ainda que ele não fosse instruído nem de família prestigiosa. O dinheiro era predicado suficiente.

Marisa, minha amiga de infância, dizia-me que eu casaria mal, que Erasmo não era do “meu nível”. “Não lê, não conhece arte, nunca foi à Europa, é um bronco, um ignorante com as burras cheias de cobres”, criticava ela com desdém. Não se indignava com meu casamento ruim, apenas lamentava. E jurava que se casaria melhor, com um homem sofisticado e singular. Marisa Proença não se importava com o dinheiro; queria um marido culto, fino, viajado, de ideias avançadas, um “cidadão do mundo”. Ela era muito diferente das demais moças — e, consequentemente, de mim, mas talvez por isso mesmo eu a estimasse tanto. Marisa devorava livros “proibidos para senhoras”, metia-se nos assuntos dos homens, discutia política... Não se importava com as repreensões que isso lhe rendia, parecia mesmo regozijar-se com o que chamava debochadamente de “repressão”. Sentia-se importante com suas pequenas transgressões, e eu a admirava por sua coragem, sua irreverência, suas ideias que eu nem compreendia inteiramente. Ela dizia que se casaria com um homem que fosse como ela, e eu duvidava que fosse possível. Austeros — como meu pai — ou bem-humorados, nenhum dos homens que eu conhecia era “transgressor”.

Erasmo Galvão muito menos. Criado por uma tia autoritária e pragmática, não se tornara médico nem advogado, mas aprendera a fazer

dinheiro. A fazenda modesta da família tornara-se, nas mãos dele, uma propriedade extensa, extremamente lucrativa, e isso o credenciara a circular em nossa sociedade.

Aos trinta e sete anos, com um rosto de linhas fortes, ele era atraente, apesar das roupas antiquadas e do bigode farto demais. Seus modos severos intimidavam-me; contudo, era educado, tanto quanto lhe permitia sua falta de refinamento. Seu andar e sua postura transpareciam autoconfiança, e muitas vezes nos olhava de cima, como se sua trajetória, sua fortuna construída moeda a moeda, o tornassem mais valoroso que nós, os de famílias antigas, os herdeiros.

Apesar da insolência, Erasmo demonstrava admiração por alguns refinamentos da alta sociedade. Durante a corte, eu percebia seu interesse ao ver-me tocar piano e cantar, muito embora eu fosse uma pianista mediana e uma cantora de voz pequena.

Cônsua de que meu destino era inescapável, resignei-me rapidamente e tentei transformar meu noivo no herói das histórias de amor que eu consumia com avidez. A compleição física forte, a estatura, os cabelos negros e os pequenos olhos escuros de Erasmo sobrepuseram-se com relativo sucesso à imagem do homem dos meus sonhos, e eu estava satisfeita com a escolha de meu pai, Euclides. Sabendo que ele cogitara alguns velhos viúvos, eu considerava a opção por Erasmo amplamente vantajosa.

Em nossa primeira conversa, ele elogiou com entusiasmo meus dotes musicais, e eu me senti obrigada a discordar, com dissimulado acanhamento.

— Uma beldade modesta? — espantou-se Erasmo, divertido, torcendo a ponta do bigode.

— Nada de modéstia — respondi, afável, afofando o penteado. — Apenas não aprecio pedestais. Faz frio lá em cima e a altura dá-me vertigens.

— Então, deixe-me ajudá-la a descer. Ainda é uma deusa a meus olhos, mas faço gosto de que fique aqui perto de mim, e não nas alturas.

Trocamos um sorriso cúmplice, e especulei se nossos beijos seriam tão interessantes quanto nosso início de conversa. Não era ousada como

Marisa, porém, e não fiz o convite que certamente me diminuiria aos olhos dele. Minha amiga já estaria escondida com o pretendente em algum recanto longe de olhos curiosos, trocando as carícias de que ela tanto se gabava para mim — e que tanto escondia da mãe e do padrasto, receosa de ser internada num convento.

Com dezessete anos, eu tinha medo tanto do convento quanto de Erasmo, portanto nosso namoro desenrolou-se nos moldes tradicionais, sem beijos furtivos. Era à vista de todos, especialmente de meu pai.

Minha mãe, Hortênsia, não apreciava meu noivo, embora não se pudesse acusá-la de indelicadeza. De início, achei que se incomodasse com a ausência de sofisticação dele. Aos poucos entendi que não era só isso: ela parecia temê-lo. Cochichava muito com meu pai e parecia tentar convencê-lo de algo, sem nunca ter sucesso. Saía dessas conversas abatida, então me fitava com tristeza.

— Por que não tolera Erasmo, mamãe? — perguntei certa vez, decidida a compreender o que se passava.

Estávamos sentadas lado a lado num dos sofás da saleta íntima, bordando: eu, horrivelmente; mamãe, um pouquinho melhor. Eu usava um vestido simples de linho amarelo-claro, de mangas curtas, que mamãe detestava, alegando que meus cabelos ficavam “apagados” pela falta de contraste com a cor do traje. Eu, porém, gostava do modelo, que fazia minha cintura parecer bem mais fina do que de fato era. Já mamãe usava um vestido de renda cor de lavanda, com decote quadrado e mangas diáfanas que desciam suavemente pelos braços, cobrindo-os até os cotovelos.

Ela assustou-se com a pergunta, arregalando os olhos que todos diziam ser iguais aos meus: cor de mel, grandes, de cílios longos. Suas sobrancelhas eram espessas, mas não grossas, e arqueadas. Pele suave e firme como a de uma garota, nariz afilado e delicado, boca generosa — Hortênsia ainda era uma beldade aos quase quarenta anos, e não raro eu flagrava o olhar incrédulo de meu pai ao fitá-la, como se ele não pudesse crer, tantos anos depois, na sorte que tivera ao desposá-la.

— Não é que não o tolero — respondeu, na defensiva. — Só me parece um tanto... — ela hesitou, enrolando no dedo um cacho do cabelo louro, junto à orelha. — Ele é muito duro.

— Papai também é duro — lembrei, o bordado pousado sobre minhas pernas. — Deve ter sorrido pela última vez quando eu tinha uns treze anos.

A fisionomia dela iluminou-se.

— Seu pai é um fingidor — ela declarou, como se me revelasse um segredo. — Ele nos ama, mas tem vergonha de demonstrar. Diz que isso não é papel de homem.

— Talvez Erasmo seja assim também — argumentei. — Afetuoso debaixo da camada austera.

— Espero que sim — minha mãe redarguiu, mas a insegurança em sua voz não acalmou meu coração. Observei-a interromper seu trabalho para morder a lateral da unha do dedo indicador direito, puxando a pele. Justo ela, que de tanto ralhar comigo lograra tirar-me o hábito de roer unhas.

— Sabe de algo que não sei? — inquiri, inclinando-me em sua direção para tentar um contato olho no olho, o que foi impossível porque ela claramente evitava meu olhar. — Se sabe, tem de me dizer!

Mamãe soltou o bordado e levou a mão ao peito, suspirando.

— Obviamente que não sei de nada! — declarou, simulando muito mal sua ofensa.

Mamãe e as amigas eram as maiores mexeriqueiras da sociedade, sabiam tudo de todos. Ela já me dera a entender que estava ciente das “travessuras” de Marisa. Então, ela sabia algo de Erasmo, mas não queria dizer.

— Se ouviu alguma aventura galante de meu noivo, saiba que isso não me perturba — eu disse, achando que soava muito madura e *chic*. — Sei que os homens têm esses divertimentos, mas quando formos casados isso vai acaba...

— Eu não sei de nada! — mamãe exclamou, exasperada. Em seguida, baixou o tom, segurando-me a mão: — Querida, apenas escute sua mãe. Erasmo é o homem que seu pai designou para você, e isso não vai mudar. — Quase ouvi o “infelizmente” que minha mãe não chegou a dizer. Ela continuou, muito séria: — Então, meu anjo, siga o conselho de sua mãe:

seja sempre uma esposa doce e submissa. Seu marido é a lei suprema dentro de casa. Agrade-o o mais que puder. Nunca discuta, nunca o enfrente. Tenha em mente que após o casamento acaba a corte. Os homens têm coisas mais importantes em que pensar. Eles saem para a vida, nós ficamos no lar. Casa em ordem, conversas tranquilas, filhos: é isso que esperam de nós. Agindo assim, você viverá em paz com seu marido.

— Está bem — assenti, encerrando o assunto e retomando o bordado. O que quer que fosse, eu não teria sucesso em arrancar de minha mãe. Mas aquilo não me preocupava. Eu confiava que meu casamento seria feliz. Erasmo me olhava com desejo, cobiça, e isso só podia ser coisa de um homem apaixonado, como nos livros que eu lia.



A má vontade de Marisa perturbava-me mais que a de mamãe, porque ela não tinha pudores de revelar o que pensava.

— Você poderia ter um marido melhor — declarou ela quando indaguei por que odiava meu noivo.

— Melhor como? — irritei-me. Estávamos deitadas na minha cama, fitando o teto, e eu me sentei, empertigada. Ela continuou deitada, imperturbável, abanando-se com um leque roxo.

— Mais bonito, mais instruído, mais bem-nascido — respondeu ela com voz preguiçosa, meio entediada.

— Não devia se importar com essas coisas, Marisa — retruquei, tomando-lhe o leque para me abanar. — Você vive criticando as tradições, as convenções...

— Não nego. — Ela levou a mão ao pescoço e abriu alguns botões do vestido azul-escuro para se aliviar do calor. Sobre o travesseiro de fronha branca, seus belos cabelos escuros formavam cachos delicados. — Pelo meu gosto, muitas coisas seriam diferentes. Por exemplo: eu gostaria de me casar bem mais tarde, após viver intensamente tudo que me apetecesse. Gostaria de sair à noite, viajar sozinha, fumar. Mas o mundo não é assim, e não serei eu a mudá-lo. Portanto, se devo jogar o jogo que me oferecem, preciso ser especialista em suas regras. Pretendo me

casar com um homem rico e sofisticado, simpático às minhas ideias. Quero ter alguma liberdade no cativeiro...

— Você está falando desses casamentos excêntricos que os europeus têm, em que o adultério é tolerado? — inquiri, olhando com apreensão as mãos de Marisa, que não paravam de abrir botões. Ela ia ficar desnuda ali na minha frente?

Ela fez que sim, fixando em mim os olhos matreiros, e finalmente parou de desabotoar o vestido. Seu espartilho estava à mostra. Eu também sentia calor, mas não iria abrir meu vestido na frente de Marisa. Quando éramos meninas, eu não me importava, mas agora, por algum motivo, tal intimidade incomodava-me.

— Parece-me racional. — Marisa sentou-se. — Ninguém se priva e ninguém se ofende.

— Doidivas! — exclamei, rindo nervosamente. — Se meu pai a escuta, nunca mais você entra nesta casa.

— Perdoe-me. Sei que minhas ideias são chocantes, por isso as reservo para mim mesma. A hipocrisia é o preço da aceitação.

— Tome cuidado, amiga — pedi, um tanto apreensiva.

— Digo-lhe o mesmo — respondeu ela, arrebatando o leque de mim e erguendo-se. — Erasmo é um homem difícil, por mais que se apresente como um gatinho dengoso.

— Por que diz isso? — perguntei, vendo-a caminhar pelo quarto com sua costumeira suavidade, *flanando*, como dizia minha mãe a respeito de Marisa. Parou um instante diante do grande espelho sobre a cômoda e observou sua silhueta esguia no reflexo, fazendo um movimento aprovador com a cabeça. Abanando-se, parou diante da janela.

— Sei ler as pessoas, em especial os homens — gabou-se, fitando-me com os olhos sensuais, felinos. — Ele tem um olhar implacável.

Bufei, impaciente, e fui até a janela onde Marisa estava, cerrando as cortinas de organza branca. Meu quarto dava para o pomar e as casas vizinhas não eram visíveis em meio às árvores, mas podia haver um empregado lá embaixo.

— Parece que só eu vejo a essência dele! — resmunguei, emburrada, alisando a saia de meu vestido.

— Talvez seja o contrário — observou Marisa, solene. — Só você não vê.

Então ela se sentou na cama novamente e mudou de assunto, tagarelando a respeito de um rapaz que beijara dias antes, e que tinha mau hálito.

— Fiquei com tanto nojo! Eu nunca tinha beijado ninguém com bafo... homem ou mulher — disse ela, ao final.

— Marisa! — Fitei-a estupefata, ainda de pé junto à janela. — Mulheres?! Que horror! Está brincando, não é? Aceito uma amiga namorada, mas isso... É muita perversão!

Ela lambeu sutilmente o canto dos lábios, encarando-me e recostando-se na cabeceira da cama. Abanava o busto e creio que só não tirou o espartilho porque era demasiado trabalhoso.

— Não é perversão, é uma delícia — declarou. — É delicado. Um licor fino.

Queria mandá-la embora por falar de coisas tão inconvenientes, mas estava fascinada com o assunto e com a figura lânguida de minha amiga.

— Então você já... já beijou outra mulher? — indaguei, corando. Quando percebi, estava sentada na cama perto dela.

— Na verdade, ainda não. — Marisa inclinou-se e seu rosto ficou muito perto do meu. — Estou à espera. Gostaria que fosse especial.

Tornei a me afastar da cama, agitada.

— Esta vida acabará — comentei, nervosa, ajeitando um quadro que me pareceu desalinhado. Era uma paisagem bucólica, uma pintura a óleo. — Seremos esposas de homens importantes. Nada mais de flertes e leviandades.

— Fale por você! — Marisa riu, ainda se abanando luxuriosamente. Então prosseguiu, filosófica: — Que efêmera a felicidade das moças, não é? Tão logo se descobrem mulheres, sedentas de vida e emoções, têm de se encerrar na prisão do matrimônio. Se o marido é novo e ardente, tanto melhor, mas se não for nada disso...

— Sua vez não há de estar longe — lembrei, aborrecida com a piedade dela.

— Não está mesmo — reconheceu Marisa, largando o leque na cama e abotoando o vestido. — Mas minha vida não há de acabar, Glória. Não nasci para ser mãe de família.

Por mais que eu admirasse a rebeldia e as façanhas de Marisa, via suas palavras como bravatas. Quem de nós poderia escapar à rotina doméstica para a qual nos preparavam desde o nascimento?